

04-03-2021

Mineração, Saúde do Trabalhador e Literatura

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Parece inusitada a ligação entre literatura e saúde. Ou a núpcia entre palavra e células. Insólito também parece ser exilar da interpretação do ser humano dois componentes essenciais: a palavra e a saúde. Pode a palavra errônea, repetitiva, chata, fascista, autoritária gerar doenças? Pode o ser humano saudável fazer poesia, compor letras musicais, declarar amor à amada sem nenhum freio de poder?

Estamos certos que a literatura é a arte artesanal da palavra. Estamos certos também que a saúde é a arte da democracia. Literatura e saúde se implicam e se imbricam em vários aspectos. O livro *Germinal*, de Émile Zola (1840-1902), publicado pela primeira vez em 1885, tão apreciado como um clássico por aqueles que militam no campo da luta pelos direitos humanos e pela justiça social, expressa e exemplifica a conexão, parecida inusitada entre literatura e saúde do trabalhador.

Vejamos a seguinte narrativa:

No veio, o trabalho dos britadores tinha recomeçado. Muitas vezes eles apressavam o almoço para não perderem o calor do corpo; e seus sanduíches, comidos numa voracidade muda e naquela profundidade, transformavam-se em chumbo no estômago. Deitados de lado, golpeavam mais fortes, com a ideia fixa de completar um número elevado de vagonetes. Tudo desaparecia nessa fúria de ganho tão duramente disputado, nem mesmo sentiam mais a água que escorria e lhes inchava os membros, as cãibras resultantes das posições forçadas, as trevas sufocantes onde eles descoravam como plantas encerradas em adegas. E, à medida que o dia avançava, o ar ficava cada vez mais envenenado, aquecia-se com a fumaça das lâmpadas, com a pestilência dos hábitos, com a asfixia do grisu, que pousava nos olhos como teias de aranha e somente o vento da noite varreria. Mas eles, no fundo dos seus buracos de toupeira, suportando o peso da terra, sem ar nos peitos escaldantes, continuavam a cavar.

O trecho acima demonstra que a prosa realista de Émile Zola apreendeu o ambiente insalubre e degradante da força de trabalho mobilizada para a extração de carvão mineral na França do século XIX. A narrativa ficcional de Zola expõe a situação degradante do ambiente, das paisagens e do trabalho implicados na atividade mineira no território francês.

Logo, o autor vasculhou o rés do chão cotidiano dos trabalhadores mineiros que extraíam a importante matéria mineral que movia a maquinaria industrial francesa naquela época. Para escrever *Germinal*, Zola chegou a trabalhar extraíndo carvão nas minas subterrâneas. Conviveu com os operários da mineração nas minas e nos bairros onde viviam; conheceu e dormiu nas moradias precárias; empurrou as vagonetes carregados de minério; viu homens e mulheres

morrem soterrados ou por doenças pulmonares após anos de exposição à poeira do carvão; sentiu nos poros o calor e a umidade nos socavões da terra; observou a exploração dos trabalhadores, homens, mulheres, velhos e crianças sufocados pelo peso da terra, como se engolidos pela boca do inferno. Acompanhou a organização política e as greves dos trabalhadores. Com efeito, ao testemunhar a precariedade das moradias operárias, os baixos salários, a fome, os acidentes nas minas e o trabalho infame de mulheres, jovens e crianças, a experiência e a sensibilidade do romancista foram avultadas. Zola não eximiu a literatura dos problemas de sua época, meados do século XIX; procedeu de modo semelhante ao que fizeram Karl Marx e Friedrich Engels por intermédio da prosa ensaística. Todos se detiveram às contradições do capitalismo para revelá-las, formar a consciência dos trabalhadores contra a opressão e o trabalho sacrificado à serviço da acumulação burguesa.

Desse modo, o livro *Germinal*, apesar de constituir-se como uma obra literária muito conhecida na literatura universal e escrita em tempos e espaços da revolução industrial, possibilita reflexões críticas sobre os processos de exploração do trabalho e da saúde do trabalhador na extração de minérios. Componentes como a relação capital-trabalho, a expansão do capital e dependência de recursos naturais, a deterioração da saúde dos trabalhadores mineiros e a fratura territorial pelos empreendimentos mineradores são contemporâneos.

O modelo de extração mineral atual, a despeito das técnicas e tecnologias modernas de exploração, beneficiamento, transporte e consumo de minérios, não eliminou a degradação da saúde e morte de trabalhadores.

Mantêm as expropriações compulsórias de comunidades e as implicações ambientais que pilham vidas e ecossistemas.

Os estratos geofísicos, biológicos e culturais básicos de territórios são devassados pelos regimes extrativistas, especialmente nas periferias do capitalismo.

Trabalhadores continuam adoecendo e morrendo nos veios de extração mineral, como nos exemplos dos desastres em Mariana/MG (novembro de 2015) e Brumadinho/MG (janeiro de 2019). Mortes de trabalhadores em mineradoras, como o caso de Carlos MB, em Crixás/GO, em 2021 ([veja](#)), persistem sendo anunciadas nos jornais e tornam-se apenas estatísticas, vítimas de um modelo de mineração predatório. Sendo assim, as palavras da importante obra de Émile Zola que tanto fascinaram e inquietaram o pensamento crítico social, parecem estar vivas e se nos apresentando como lições, alertas e desafios.

Se em *Germinal* a degradação do trabalho, o adoecimento, a humilhação do trabalhador e a narrativa do ambiente de trabalho infame são notas de uma estética combativa, o cenário atual recomenda antes uma organização dos trabalhadores, uma interrogação de seus desígnios no mundo do trabalho e sobre as cadeias que lhes oprimem.

Fonte: Zola, Émile. *Germinal* [1885]. São Paulo: Martin Claret, 2009.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.